



Williams: retrato em carne viva dos excluídos

LITERATURA

## Tennessee Williams em um ato

Coletânea recupera peças em um ato do dramaturgo americano, ainda desconhecidas do grande público. Por Bolívar Torres

21 de janeiro, 2012



fonte | **AA**

Todo mundo sofre nos textos de Tennessee Williams. É assim em suas peças completas, e não poderia ser diferente nestas desconhecidas e curtas peças de um ato, escritas entre o início dos anos 30 e o início dos 60. Na verdade, muitos desses textos, só encenados depois dos anos 2000, várias décadas depois da morte do dramaturgo, vão muito mais longe do que seus grandes sucessos mais conhecidos do público, como *Gata em teto de zinco quente* ou *Um bonde chamado desejo*. Reunidos na coletânea *Mister Paradise e outras peças em um ato*, que acaba de ser lançada no Brasil, mostram retratos em carne viva dos excluídos da sociedade.

Embora também tenha sido um contista prolífico e talentoso, Williams ainda hoje é lembrado principalmente por suas peças mais famosas, mais adequadas aos costumes de seu tempo e nas quais alguns temas tabus, como o homossexualismo, são tratados de forma menos explícita. Felizmente, seus escritos obscuros, nos quais muitas vezes ensaiou uma transgressão quase impossível para a época, têm sido relançados nos últimos anos, como foi o caso de uma coletânea de contos organizados por seu amigo Gore Vidal (lançada no Brasil em 2007 pela Companhia das Letras). Muitas associações podem ser feitas entre os contos e suas peças curtas, já que ambas serviam como uma espécie de esboço para suas peças completas e se inspiravam de questões autobiográficas. Também, em ambos, o autor conseguia se servir de uma estrutura sucinta e fechada para dar uma intensidade ainda maior ao drama (muitas das peças, por sinal, podem ser lidas como contos escritos em forma de diálogo). Além do mais, o material reunido aqui é tão irregular quanto o de suas narrativas de ficção, dando vazão a uma escrita compulsiva e menos rigorosa que pode oferecer tanto jóias intuitivas quanto equívocos descartáveis – ou, ainda, exercícios de estilo um tanto desinteressantes.

O que parece atravessar toda a obra de Williams, contudo, não importe o registro em que escreva, é o amor incondicional por seus personagens. Certa vez, Gore Vidal escreveu que seu amigo precisava sentir atração física por seus personagens para colocá-los no papel – e daí, sem dúvida, resulta uma ligação tão forte entre criatura e criador. O desejo move o mundo e os seres se debatem, entre frustração e catarse, contra suas próprias pulsões reprimidas. Homossexual nascido em uma família pobre, o dramaturgo foi, ele próprio, um excluído da sociedade, e soube como poucos traduzir o sentimento de inadequação. Williams segue seus personagens até o fundo do abismo, sem nunca escorregar na demagogia fácil da indulgência e da comiseração. As peças reunidas trazem alguns dos seus mais tocantes “losers” e desajustados, como o ex-poeta recluso e desiludido de *Mister Paradise* (a peça título da coletânea), que décadas depois de lançar um livro ignorado pelo público e ter abandonado a poesia recebe com amarga ironia a visita de uma jovem rica, que descobriu sua “obra” por acaso num sebo e está decidida a reabilitá-la; ou o jovem enfermo de *O jogão*, preso numa cama de hospital, e a quem só resta vislumbrar, pelo infinito céu estrelado da janela do seu quarto, a imensidão de uma existência que provavelmente nunca irá viver.

A maior parte das peças foi escrita na década de 30 e início de 40, e retrata com certa acidez os costumes da época, como *Por que você fuma tanto, Lily?*, um olhar duro sobre a classe média que desconstrói as convenções de gênero ao apresentar uma personagem com semblante andrógino, que “passaria por rapaz”. Mas é na obra que fecha o livro, *E contar tristes histórias de bonecas*, que Williams mergulha radicalmente no submundo com uma graciosidade e generosidade sem iguais. Não se sabe exatamente a data em que a peça foi terminada, mas especula-se que seja entre o final dos anos 50 e o início dos anos 60, um época em que Williams já encontrava mais liberdade para tratar de um tema que ainda era maldito, como a vida dos travestis. Repleta de vida e generosidade, esta tragicomédia é um hino de amor aos excluídos. Candy, um travesti que comprou o negócio de seu ex-amante depois que este o abandonou por uma “boneca” mais nova, passa a sustentar um marinheiro machão, violento e homofóbico (espécie de primo distante do Stanley Kowalski de *Um bonde chamado desejo*), por quem se apaixonou. É claro que a relação tem tudo para dar errado e terminar em violências domésticas, mas Williams trata o assunto sem nenhum maniqueísmo. Não há vítimas ou culpados; não há lição de moral nem condenação a ninguém: aqui, as pessoas são o que elas são e se viram como podem face ao desejo e as circunstâncias do destino. Batida, humilhada, ultrapassada, e confrontada à súbita descoberta da sua velhice, Candy cai como o Ricardo II de Shakespeare (o título é uma referência ao célebre verso “And tell sad stories of the death of kings”), mas se levanta para celebrar o passado com os amigos de “submundo”. O gênio de Williams é de ver a luz onde ninguém vê, até mesmo nos porões do mundo, e rir e chorar em meio aos escombros, como comprova o magnífico poema recitado por Candy: “Penso que por razão ignorada/ a misericórdia dará vez nesta temporada,/ ao amável e ao desajustado/ ao brilhante e inadaptado./ Penso que, acolhidos e acalentados/ terão assim, conforto e alento/ e brando sorriso de contentamento/ ante tão ternas crianças desgarradas”.

**MISTER PARADISE E OUTRAS PEÇAS EM UM ATO, de Tennessee Williams (tradução Grupo Tapa). Editora É Realizações. 344 páginas.**